

A CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA REALIDADE A PARTIR DA AÇÃO EDUCATIVA

RICARDO FERREIRA VALE

MARINA LANZA VENUTO

RONALDO ADRIANO RIBEIRO

RESUMO

O texto pretende apresentar algumas reflexões acerca do momento pandêmico que estamos vivenciando, bem como as posturas adotadas por determinados tipos de governo para enfrentar a situação. A partir dessas reflexões, sugere-se que repensemos a nossa sociedade e seus métodos inadequados para lidar com as minorias desfavorecidas e com a própria natureza. Ao analisar essas questões, é proposto o estabelecimento de uma nova realidade, pautada, sobretudo, em aspectos mais éticos e colaborativos para transformá-la. Por fim, sugere-se que a escola seja a instituição capaz de gerar essa transformação através da sua ação educativa.

Palavras-chave: pandemia do COVID-19; problemas sociais; ação educativa.

ABSTRACT

The text intends to present some reflections about the pandemic moment we are experiencing, as well as the postures adopted by certain types of government to face the situation. Based on these reflections, it is suggested that we rethink our society and its inadequate methods for dealing with disadvantaged minorities and nature itself. By analyzing these issues, the establishment of a new reality is proposed, based, above all, on more ethical and collaborative aspects to transform it. Finally, it is suggested that the school is the institution capable of generating this transformation through its educational action.

Keywords: COVID-19 pandemic; social problems; educational action.

INTRODUÇÃO

A pandemia do COVID-19 modificou substancialmente o nosso cotidiano, as nossas formas de trabalho e os nossos meios de interação social. Fomos obrigados a nos adaptarmos a um novo paradigma, pautado, sobretudo, no isolamento social. E esse isolamento nos fez encarar a nossa realidade de uma maneira diametralmente oposta àquela que vivenciávamos antes da pandemia.

Segundo Mosé (2020), este é o momento de fazermos uma imersão dentro de nós mesmos, de aprendermos a parar, estabelecendo uma espécie de não imposição e de um certo silêncio na alma. Mesmo que seja um isolamento autoimposto, sairemos dessa condição com possibilidades de nos tornarmos indivíduos mais fortes, mais conscienciosos de quem somos a despeito daquilo que acreditamos ser.

Ainda de acordo com a autora supracitada, é necessário aprendermos a lidar com as adversidades que a situação nos impõe e é fundamental nos tornarmos boas companhias para nós mesmos. Só assim teremos condições de nos relacionarmos com os outros. Como ela afirma:

A solidão é condição da dignidade humana. Quem não sabe estar só se prostitui em relações mal-arranjadas, forjadas, tóxicas. Ser uma boa

companhia para si mesmo é o mínimo que uma pessoa precisa se quiser se relacionar com alguém de modo saudável. Sim, a solidão é dura, mas necessária e muito vigorosa. (MOSÉ, 2020, p.2).

Por outro lado, o contexto da pandemia intensificou o convívio familiar em consequência do confinamento e do isolamento. De acordo com Mosé (2020, p.3):

Além da dureza de encarar a nós mesmos, nossos fantasmas, medos, ilusões, este isolamento forçado está nos impondo o convívio de modo quase violento com a família. Vivíamos, mesmo com as pessoas mais íntimas, cada um em sua bolha, cada um acreditando que é o que imagina ser, e aplicando o mesmo raciocínio aos outros. Em outras palavras, nos relacionamos com a imagem que temos de nós mesmos e das pessoas e não com elas.

Nesse contexto, os conflitos eram coibidos e reinava uma certa “paz formal” nas famílias. Agora percebemos que é necessário viver esse conflito, expressá-los e tentar encontrar um equilíbrio diante das diferenças. Precisamos aprender a ceder e nos constituirmos em famílias reais e não apenas grupos de pessoas que convivem nos mesmos espaços.

No tocante aos impactos produzidos pela pandemia para a nossa sociabilidade, a autora expressa que nossa experiência com o mundo virtual precisa ser aprimorada e sofisticada. Por outro lado, essa nova condição nos dará uma enorme necessidade pela presença e pelo convívio e passaremos a valorizar cada vez mais o contato e um abraço em detrimento de atitudes de acúmulo e de consumo.

É necessário que nos questionemos acerca de que tipo de indivíduo queremos nos tornar diante dessa imensa adversidade pela qual estamos passando. Pois, todo esse momento de isolamento nos faz refletir, não somente acerca do vírus de estamos enfrentando, mas, sobretudo, da sociedade adoecida que vivemos. Sociedade que se encontra fragmentada, cada vez mais consumista e narcisista. E que, a despeito dessa necessidade irrefreada de obtenção de lucro a qualquer preço, não reconhece que estamos minando todos os recursos disponíveis da Terra e permitindo que os vulneráveis se tornem cada vez mais vulneráveis. Como afirma Mbembe:

Preso no ciclo vicioso da injustiça e das desigualdades, uma boa parte da humanidade está ameaçada pela grande asfixia, ao mesmo tempo que prolifera o sentimento de que o nosso mundo alivia. Se, nestas condições, ele existir no dia seguinte, não poderá ser à custa de alguns, sempre os mesmos, como na Antiga economia. Deverá ser para todos os habitantes da Terra, sem distinção de espécie, raça, sexo, cidadania, religião ou qualquer outra marca de diferenciação. Por outras palavras, não poderá haver alívio senão à custa de uma gigantesca ruptura, produto de uma imaginação radical. (MBEMBE, 2020, p. 3).

Um outro fator que mostra como a sociedade atual precisa ser repensada reflete-se nos próprios elementos utilizados por alguns governos para lidar com a pandemia da COVID-19. Podemos observá-los na fala de Butler (2020) quando ela afirma que, em uma situação de pandemia, as classes desfavorecidas são deixadas para morrer devido às

próprias atitudes tomadas pelos governos para enfrentarem a situação. Acerca dessa temática a autora destaca que:

À medida que a pandemia se tornou amplamente reconhecida, alguns formuladores de políticas, que tentam reabrir os mercados e recuperar a produtividade, procuraram recorrer à ideia de imunidade de rebanho, que presume que aqueles que são fortes o suficiente para suportar o vírus desenvolverão imunidade e constituirão, ao longo do tempo, uma população forte capaz de trabalhar. Pode-se ver como a tese funciona muito bem com o darwinismo social, a ideia de que sociedades que tendem a evoluir são aquelas nas quais os mais aptos sobrevivem e os menos aptos não. Em condições de pandemia, é claro que são as minorias negras e pardas que compõem o grupo de vulneráveis ou não destinados a sobreviver. (BUTLER, 2020, p.8).

Nas reflexões da autora podemos perceber como os governos e suas políticas neoliberais atuam no sentido de selecionar quais vidas são inestimáveis e úteis e quais são dispensáveis, ou seja, sob essa perspectiva essas políticas atuam como se negociassem as vidas e as mortes.

Na perspectiva de Zizek (2020), quando concordamos com a lógica que somente os mais aptos devam sobreviver, estamos violando um dos princípios mais elementares da ética militar que propõe a prioridade de tratamento aqueles que tenham sido feridos mais gravemente em uma batalha, mesmo diante de condições mínimas de sobreviverem. Portanto, nossa prioridade deveria ser tratar a todos que necessitam, independentemente de quem são e dos custos que podem gerar.

O autor ainda acredita que a grande ameaça desses tempos de pandemia não seja a institucionalização de uma simples barbárie ou violência brutal em busca de sobrevivência. Ele teme uma barbárie com feições humanas, ou seja, a adoção de medidas cruéis de sobrevivência pautadas por sentimentos de arrependimento e compaixão, mas corroboradas pelos especialistas.

Acerca da violência, Butler (2020) faz um alerta para a violência institucionalizada pelo Estado que estabelece ordenamentos jurídicos extremamente racistas para lidar com as demandas sociais, utilizando como subterfúgio a premissa de que está protegendo a sociedade. Em outros termos, o Estado reclassifica a própria violência para nos proteger de atos que considera violentos. A autora adverte que:

A violência estatal é muito concreta, e os regimes legais governados por objetivos racistas – incluindo leis, policiamento e encarceramento – podem e constituem formas de violência legal contra as minorias. Portanto, se aqueles que são alvo de violência legal recorrem à lei para buscar alívio, eles descobrem que o acusado e o árbitro são a mesma pessoa. (BUTLER, 2020, p. 14).

Butler (2020) exemplifica a questão a partir das ações de policiais nos Estados Unidos que mataram, torturaram e sufocaram um afrodescendente desarmado alegando legítima defesa. Isso porque a questão da negritude sempre foi interpretada naquele país como imperativo para uma violência potencial e essa visão racista permite justificar porque é possível aceitar a morte de alguém sob essas condições. Essa atitude mostra que o uso

da violência institucionalizada é estabelecido de forma legal em áreas específicas do poder para atingir objetivos claros. E que esses objetivos estão pautados pela eliminação das vidas tidas como indesejáveis pelo Estado.

Para enfrentar a institucionalização da violência, a autora propõe o estabelecimento de uma não-violência que carregue no seu cerne uma postura política ativa, sobretudo através de atos solidários entre os indivíduos e de protestos que os governos geralmente procuram evitar e taxá-los como violentos. Sobre esse aspecto, a autora salienta que devemos nos pautar por formas de interdependência que estejam comprometidas com demandas igualitárias e que atuem de forma global. Acerca dessa questão, ela afirma que:

Seria importante entender a distribuição de alimentos, o desmatamento e os cuidados com a saúde, não apenas à luz da ideia de interdependência global, mas também em relação aos direitos dos migrantes de atravessar fronteiras e pedir asilo ou residência. Na maioria das vezes, temos boas razões para entender a dependência como uma condição de exploração, mas, quando reformulada como interdependência, pode ser tornar uma ética e uma política globais comprometidas com a igualdade social. (BUTLER, 2020, p. 21-24).

Entretanto, a grande questão é: como faremos isso e de que forma promoveremos uma ruptura nas estruturas vigentes a partir das reflexões que estamos fazendo nesse momento de pandemia? Somente conseguiremos responder a isso através da construção e do estabelecimento de uma nova realidade.

A CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA REALIDADE

De acordo com Lent (2021), nossa visão de mundo, da qual muitas vezes não temos consciência, está arruinando o futuro da humanidade. Muitas ideias que estabelecemos como respeitáveis estão apoiadas sobre estruturas deterioradas. Entretanto, o autor afirma que, sobre cada base danificada, poderemos encontrar alternativas para a construção de uma sociedade mais justa e harmônica. E, esse momento de isolamento e reflexão se torna propício para a construção de uma nova realidade e de novas estruturas mais sólidas e mais humanas.

A despeito de sermos naturalmente egoístas, o autor afirma que um dos elementos essenciais dos seres humanos é a capacidade que temos de trabalharmos de forma conjunta e colaborativa em busca do ideal de justiça. E esse deverá ser o paradigma dominante.

Outro aspecto importante afirmado por Lent (2021) refere-se ao fato de que não estamos desagregados da natureza, mas somos parte integrante dela. Se tomarmos consciência desse princípio fundador, saberemos que ao arruinarmos o mundo natural, estamos aniquilando todos os organismos vivos, incluindo a nós mesmos. É salutar que possamos construir um futuro sustentável na qual a natureza possa se harmonizar com os elementos tecnológicos que construímos e não que esses elementos sejam forjados para conquistá-la e destruí-la. Para o autor, a natureza é uma rede, onde os ecossistemas, para se manterem saudáveis, encontram-se intensamente sincronizados entre as diferentes espécies. Essa afirmação contradiz a noção postulada por alguns evolucionistas de que os genes são egoístas e de que a evolução resulta de uma competição entre eles. O autor adverte:

Em vez de um campo de batalha de genes egoístas competindo para superar uns aos outros, os biólogos modernos oferecem uma nova visão da natureza como uma rede de sistemas interconectados, que dinamicamente se otimizam em diferentes níveis de seleção evolutiva. Este reconhecimento de que as redes colaborativas são parte essencial dos ecossistemas sustentáveis pode inspirar novas vias para estruturar a tecnologia humana e a organização social para um futuro florescimento. (LENT, 2021, p. 7).

Em consonância com essa ideia de agregar a natureza de maneira colaborativa, Zizek (2020, p. 8) afirma que:

Portanto, não é suficiente criar algum tipo de rede global de saúde para os seres humanos, a natureza deveria ser incluída, pois, por exemplo, os vírus também atacam as plantas, que são a principal fonte de nossa alimentação (batatas, trigo, azeitonas etc.).

Lent (2020) ainda nos alerta que medir a prosperidade de um país baseado no índice do seu Produto Interno Bruto (PIB) não é adequado porque ele mede a celeridade com que transformamos a natureza e as atividades humanas em índices econômicos e não considera se essas transformações são benéficas ou nocivas. Ou seja, a medição do PIB não estabelece uma diferenciação entre as atividades que promovem o bem-estar e aquelas que o diminuem. Aqui, apenas o lucro é levado em consideração. Portanto, deveríamos medir o progresso de um país através de uma medição chamada Indicador de Progresso Genuíno (GPI, em inglês), pois ele mede tanto aspectos negativos - como a distribuição desigual de renda, a poluição do meio ambiente e o crime - como os aspectos positivos como os trabalhos de voluntariado e os trabalhos domésticos como parte da produção nacional. Para o autor, ao fazermos as medições de êxito e prosperidade dos países baseados no GPI, e não no PIB, poderemos indicar um caminho mais sustentável para o planeta.

Uma outra característica defendida por Lent (2020) na construção de uma nova realidade está fundada no fato de que devemos nos conscientizar de que a Terra não é capaz de manter um crescimento ilimitado, pautado apenas no consumo. Devemos nos regular pelo desenvolvimento da qualidade de vida e não por práticas que buscam apenas a maximização de lucros. Acerca dessa temática, ele sinaliza que:

A solução é transformar nossa cultura subjacente - deixar de buscar o crescimento do consumo - e em seu lugar buscar o crescimento da qualidade de nossa vida. Podemos escolher participar de uma economia circular, na qual emprestamos, compartilhamos, reutilizamos ou reciclamos, e quando comprarmos algo novo, certificar que provém de um processo sustentável. (LENT, 2021, p. 13).

Ao refletirmos sobre essa afirmativa podemos nos remeter às ideias de Mbembe (2020) que propõe a recomposição de uma Terra habitável, capaz de oferecer a todos a possibilidade de uma existência respirável, uma vez que a humanidade e a biosfera estão inexoravelmente ligadas e dependentes.

É importante estabelecer também que, nessa mudança de mentalidade, devemos nos preocupar de maneira essencial com os mais vulneráveis, aqueles que geralmente estão desamparados e/ou desassistidos pelos sistemas de governo comprometidos apenas com suas atividades capitalistas. De acordo com Prashad (2020), as reservas financeiras dos trabalhadores são tão limitadas que eles não são capazes de proverem sua subsistência diante de uma situação emergencial como uma pandemia.

A ideia de um sistema que procurava deslegitimar as instituições estatais (sobretudo aquelas voltadas para o bem-estar social) mostrou-se falha e, segundo o referido autor, aquelas nações que detêm estruturas estatais mais sólidas, como a China por exemplo, foram, justamente, as que tiveram melhores recursos para enfrentar a pandemia. Como salienta:

Enquanto isso, os Estados do Ocidente que foram engolidos por políticas de austeridade estão penando para lidar com a crise. O fracasso do sistema de saúde é claramente visível. É impossível sustentar por mais tempo que a privatização e a austeridade são mais eficientes que um sistema de instituições estatais que vão progredindo ao longo do tempo pelo processo de tentativa e erro. (PRASHAD, 2020, p. 7)

O autor cita como exemplo bem-sucedido de enfrentamento à pandemia do COVID-19, e todas as implicações geradas por ela, o estado indiano de Kerala que é administrado pela Frente Democrática de Esquerda. Houve nessa região, através dos seus governos, uma grande luta para manter e ampliar o sistema de saúde público, o desenvolvimento de uma cultura de solidariedade e de ação pública, a adoção de medidas de rastreamento dos infectados pelo vírus nos centros de transporte, a divulgação de informações confiáveis pelo governo e pelo setor responsável pela saúde, as medidas de isolamento e quarentena para evitar a disseminação do vírus, o levantamento de recursos para auxiliar as pessoas que estivessem com dificuldades de natureza econômica e/ou psicológica, o desenvolvimento de ações públicas para evitar a fragmentação social e empréstimos financeiros para garantir o emprego rural, o pagamento de pensões aos idosos e redes de distribuição de alimentos. Podemos perceber que essas são medidas que merecem ser estudadas e adotadas em outras regiões.

Segundo Badiou (2020), se quisermos mudanças reais na sociedade, é preciso que pensemos em uma nova perspectiva do comunismo, o que ele chama de uma terceira sequência do comunismo. E a despeito daqueles que acreditam que o conteúdo histórico do comunismo foi desastroso, o autor salienta que:

De fato, o comunismo conheceu duas sequências históricas. A sequência histórica do século XIX, quando a palavra foi inventada e propagada para designar uma esperança histórica humana fundamental, a esperança da igualdade, da emancipação das classes oprimidas, de uma organização social igualitária e coletiva. Depois há outra sequência muito diferente onde se experimentou o comunismo, ou seja, se construiu uma forma de poder particular que buscou coletivizar a indústria e essas coisas, mas que, no final, se tornou uma forma de Estado despótico. (BADIOU, 2020, p. 4).

O autor propõe que não sacrifiquemos a palavra “comunismo” baseados no que ocorreu na segunda sequência, mas que resgatemos as ideias fundadas na primeira

sequência para o estabelecimento de uma terceira sequência. Nesse novo estágio essa palavra estaria imbuída de uma ideia de emancipação e igualdade que perpassaria toda a humanidade, com o fim das atitudes racistas e segregadoras e com o banimento das fronteiras. É isso que representa a ideia de comunismo para o autor e, se inventarem uma palavra melhor que represente essas proposições, ele aceita.

No que se refere às ideias defendidas por Marx, Badiou (2020) afirma que existem três Marx: o que analisou de forma científica a história a partir dos conceitos de classe e luta de classes, o Marx que propõe o estudo das coisas através do pensamento dialético e o Marx militante político. Embora reconheça o mérito dos três, o autor se interessa por aquele que procura ligar a ideia comunista, no seu aspecto ideológico e filosófico, com as circunstâncias concretas da história e que busca o caminho para organizar os indivíduos de forma política em busca do ideal comunista. Ele acredita que o capitalismo triunfou em sua forma mais brutal porque abandonamos esse ideal.

Entretanto, Badiou (2020) acredita que os valores capitalistas não foram capazes de minar a capacidade altruísta dos seres humanos e que as manifestações ocorridas nas nações árabes mostraram que somos capazes de agir e de protestar junto a pessoas que não compartilham os nossos interesses imediatos. Isso mostra que os movimentos de massa podem reaparecer e se reconstituírem porque estão carregados de generosidade da ação.

Dentro dessa perspectiva, Zizek (2020) afirma que é necessário que aprendamos a pensar uma forma de produção e distribuição de recursos necessários aos indivíduos que estejam além das dinâmicas do mercado e do lucro. Articulado à essa ideia, o autor exemplifica que:

Não é suficiente apenas se isolar e sobreviver. Para que alguns de nós consigam fazer isso, devem funcionar os serviços públicos básicos: eletricidade, comida, medicamentos... (Em breve, precisaremos de uma lista daqueles que se recuperaram e estão imunes, pelo menos por algum tempo, para que se possam ser mobilizados para realizar serviços sociais de emergência). (ZIZEK, 2020, p. 12).

Pelo exposto anteriormente, o autor nos informa que não se trata de uma visão utópica do comunismo, mas um comunismo estabelecido pela necessidade de sobrevivência, similar ao chamado “comunismo de guerra” estabelecido na União Soviética em 1918. Afinal, diante de uma crise de tais proporções, somos todos comunistas.

COMO A EDUCAÇÃO PODE CONTRIBUIR PARA A CONSTRUÇÃO DA NOVA REALIDADE

Segundo as reflexões de Rodrigues (2001) acerca da educação, seu objetivo é preparar os indivíduos para a vida coletiva, assegurar suas condições de existência, desenvolver comportamentos que sejam justos em sociedade e instruí-los para o uso de forma adequada e responsável dos conhecimentos e habilidades adquiridos.

Nessa perspectiva, a educação cumpre sua função de preparar os indivíduos para a cidadania ao dotá-los dos instrumentos pertinentes para essa função. O autor afirma ainda que o exercício cidadania se fundamenta a partir da liberdade, da autonomia e da responsabilidade. Essas são as condições basilares para sua realização e são fundamentos para a construção do sujeito ético. Nas palavras de Rodrigues (2001, p. 242):

Nesse sentido, se diz da Educação que ela é uma totalidade, pois sua ação formativa abarca tanto a dimensão física quanto a intelectual, tanto o crescimento da competência de cada educando para se auto-governar quanto a formação moral que o leve a um adequado relacionamento com os outros homens.

Através da educação promovemos a inserção do ser humano na sociedade e desenvolvemos nele a capacidade de entender e conhecer as condições que são inerentes à sua existência, bem como a compreensão de que ele é responsável pelo seu bem-estar e pelo bem-estar dos outros. E, somente quando ele atingir a condição de sujeito autônomo será capaz de conduzir o seu próprio processo de autodesenvolvimento.

Rodrigues (2001) identifica a existência de, pelo menos, três tipos de autonomia: a autonomia da vontade, a autonomia física e a autonomia intelectual. Frente a elas, o autor estabelece que:

O sujeito se torna autônomo, no primeiro plano, quando é capaz de estabelecer relações de equilíbrio racional entre suas emoções e paixões. Igualmente, ao se tornar capaz de assumir a responsabilidade pelo próprio corpo e as relações equilibradas com o mundo natural. E, acima de tudo, quando determinar e escolher livremente os meios e os objetivos de seu crescimento intelectual e as formas de inserção no mundo social. Preenchidas essas condições, ele pode ser reconhecido como sujeito social. (RODRIGUES, 2001, p.249-250).

É importante advertir que existem grandes dificuldades para que o ser humano possa atuar na vida social de maneira autônoma, munido de liberdade e conhecedor de si mesmo como indivíduo. Afinal, o mundo não se apresenta pré-determinado, mas é o resultado de uma série de fatores diversificados onde se articulam a vontade, a autonomia dos outros sujeitos, os seus projetos de vida e os princípios que norteiam as escolhas de cada um. O autor salienta que nem mesmo os valores como justiça, equidade, liberdade, crenças, projetos, concepções de Estado e organização política apresentam-se de maneira uniforme para todos os cidadãos. Nesse cenário, Rodrigues (2001, p. 252) nos diz que:

A consciência de liberdade, igualdade, de participação e de disciplina da vontade, ao atingir o patamar da maturidade nos indivíduos, deve orientar os seres humanos-cidadãos a compreenderem a importância de outros princípios e valores, sem os quais a vida social se destruirá, entre eles: a tolerância, a cooperação, a solidariedade, a humanidade, o respeito, a justiça.

Estes são alguns dos desafios enfrentados pela educação como ação formadora do sujeito ético. De acordo com Rodrigues (2001), a formação humana somente estará completa se carregar no seu cerne o desenvolvimento de normas de conduta que tenham validade universal.

Ainda de acordo com Rodrigues (2001), atualmente as unidades educativas como a família, a Igreja e as comunidades estão se desintegrando e não conseguem atuar no sentido de dar um direcionamento moral para as novas gerações. Os pais encontram-se cada vez mais ausentes na vida dos seus filhos, a Igreja não é mais uma instituição unitária

e hegemônica e, embora as pessoas vivam fisicamente próximas umas das outras, não caminham unidas em busca da construção de projetos coletivos e sociais. Para Rodrigues (2001, p. 253), “a única instituição que ainda mantém uma presença universal é a instituição escolar”.

Diante dessa realidade, o autor parte do pressuposto de que a escola poderá exercer uma tarefa que, em outros tempos, não lhe foi atribuída: a de ser formadora dos indivíduos. E que o desenvolvimento dessa atividade formativa não poderá ser fragmentado e hierarquizado e que nenhum de seus elementos poderá ser estabelecido como prioritário sobre os outros.

No passado, tínhamos a escola como espaço onde os conhecimentos e as habilidades deveriam ser dominados pelos alunos. Esse era o núcleo central da ação educativa. Entretanto, o autor percebe que, atualmente, com o esfacelamento das estruturas tradicionais de educação, a escola ganha uma nova dimensão, uma verdadeira função educativa e não apenas uma tarefa de escolarização. Devemos ter uma nova perspectiva acerca da escola, dos conteúdos que são apresentados aos alunos, da missão dos educadores e da sua relação com a sociedade. Nas palavras de Rodrigues (2001, p. 254):

As crianças serão enviadas para a Escola cada vez mais cedo e nela permanecerão por um tempo mais extenso. E isso não será porque há um mundo novo de informações a ser processado e, sim, porque a Escola deverá exercer o tradicional papel das famílias, das comunicações, da Igreja, e ainda, o que lhe era próprio: desenvolver conhecimentos e habilidades.

Isso significa que a escola deverá formar os seres humanos em sua integralidade e terá como missão primordial a formação do sujeito ético. Então, se quisermos transformar a nossa realidade através de uma mudança radical de paradigmas que tenha como primazia o desenvolvimento de uma sociedade mais harmônica, não apenas consigo mesma, mas que integre a natureza e o planeta, que proteja a todos, sobretudo os mais frágeis e menos assistidos e que seja pautada por projetos políticos verdadeiramente éticos e colaborativos, teremos que recorrer à essa nova concepção de escola para alcançá-los.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Talvez estejamos delegando à escola uma tarefa extremamente complexa ao sugerirmos que ela seja a portadora dessa mudança de realidade. Entretanto, sabemos que, ao ganhar uma nova dimensão diante da desagregação de outras estruturas educativas, como a família e a Igreja, na tarefa de formar o sujeito ético a escola precisará também ser repensada. Ela não poderá mais ser pautada apenas na transmissão de conhecimento e no desenvolvimento de habilidades.

Se conseguirmos estabelecer essa mudança nas práticas educativas, poderemos formar gerações que sejam mais conscienciosas, que se pautem por atitudes colaborativas comprometidas com as demandas igualitárias e que tenham a noção de que é fundamental inserir a natureza em ações protetivas se quisermos garantir o futuro do planeta e da humanidade.

REFERÊNCIAS

- BADIOU, Alain/ **Entrevista “O comunismo é a ideia da emancipação de toda humanidade”**. Disponível em: <http://www.cartamaior.com.br/?%2FEditora%2FInternacional1%2F-O-comunismo-e-a-ideia-da-emancipacao-de-toda-humanidade-%2F18598> Acesso em: 24 mai. 2021.
- BULTER, Judith. **A violência da negligência**. Disponível em: <http://navegacoesnasfronteirasdopensamento.blogspot.com/2020/05/judith-butler-violencia-da-negligencia.html> Acesso em: 13 jun. 2021.
- LENT, Jeremy. **Oito falhas estruturais na visão de mundo ocidental**. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/608124-oito-falhas-estruturais-na-visao-demundo-ocidental-artigo-de-jeremy-lent> Acesso em: 10 mai. 2021.
- MBEMBE. Achille. **O direito universal à respiração**. Disponível em: <http://navegacoesnasfronteirasdopensamento.blogspot.com/2020/04/achille-mbembe-o-direito-universal.html> Acesso em: 27 jun. 2021.
- MOSÉ, Viviane. **O maior desafio do isolamento é aprender a parar**. Disponível em: <http://navegacoesnasfronteirasdopensamento.blogspot.com/2020/04/viviane-mose-o-maior-desafio-do.html>. Acesso em: 12 jun. 2021.
- PRASHAD, Vijay. **Não voltaremos ao normal porque o normal era o problema**. Disponível em: <http://navegacoesnasfronteirasdopensamento.blogspot.com/2020/04/nao-voltaremos-aonormal-porque-ohtml> Acesso em: 16 mai. 2021.
- RODRIGUES, Neidson. Educação: da formação humana à construção do sujeito ético. **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 22, n. 76, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v22n76/a13v2276.pdf> Acesso em: 18 jun. 2021.
- ZIZEK, Slavoj. **A barbárie com rosto humano**. Disponível em: <http://navegacoesnasfronteirasdopensamento.blogspot.com/2020/04/slavoj-zizek-barbarie-com-rosto-humano.html> Acesso em: 13 jun. 2021.

Submetido em Setembro de 2021 .

Aprovado em dezembro de 2022.

Autoria

RICARDO FERREIRA VALE

Doutorando em Educação na linha formação de professores, instituições e história de educação pela Universidade Federal de Ouro Preto. Mestre em Biotecnologia e Gestão da Inovação pelo Centro Universitário de Sete Lagoas, com dissertação ligada a área da Educação. Especialista em Ensino de Biologia pela Universidade Cândido Mendes (Rio de Janeiro/RJ). Possui Licenciatura em: Biologia (2012), Pedagogia (2019) e Ciências Sociais (2021). Cursos complementares nas áreas de Biologia e Educação. Professor efetivo da Escola Estadual Professor Rousset (Sete Lagoas/MG) e na rede privada atuou no

MAGISTÉRIO SUPERIOR no Centro Universitário de Sete Lagoas (Sete Lagoas/MG). Tenho interesse em trabalhos de pesquisas em: História e memória da profissão docente. Dimensões socioculturais da docência. Formação de professores, identidade, trajetórias, saberes e práticas docentes e escolares. Condição Docente e as dimensões de gênero, etnia, classe social. Formação de professores e práticas educativas para o trabalho com a diversidade cultural e étnico-racial.

E-mail: ricardo.vale@aluno.ufop.edu.br

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-1885-6256>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6239042370000862>

MARINA LANZA VENUTO

Mestranda em Educação e Formação Humana pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Possui Graduação em História pelo Centro Universitário de Sete Lagoas (2002) e Graduação em Administração pelo Centro Universitário de Sete Lagoas (2008). Atualmente é professora de História da Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais (SEEMG). Tem experiência na área de ensino de História, Sociologia e Filosofia nos anos finais do ensino fundamental, no ensino médio e na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Tem interesse em pesquisas sobre educação, ensino de História, manifestações culturais afro-brasileiras, estudo das relações étnico-raciais, doutrinas religiosas e história do cinema.

E-mail: marina.0294980@discente.uemg.br

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-9695-4316>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7650926734571761>

RONALDO ADRIANO RIBEIRO DA SILVA

Docente da Universidade da Integração Latino - Americana (UNILA) do Instituto Latino-Americano de Ciências da Vida e da Natureza (ILACVN) do Curso de Ciências da Natureza / Ensino de Biologia .Foi Coordenador do Curso em Licenciatura em Ciências Biológicas e Professor Adjunto III da Universidade Federal do Pará / Faculdade de Ciências Biológicas / Laboratório de Pesquisa em Educação em Ciências e Biologia , das cadeiras de Metodologia de Ensino de Ciências e Biologia e Estágio Supervisionado . Doutor em Ensino de Ciências do Programa em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Doutorado Sanduíche no Exterior (Bolsa CAPES) na Universidade do Minho - Portugal (Instituto de Educação-Centro de Investigação de Saúde da Criança- CIEC). Mestre em Educação na Linha de Pesquisa : O professor e suas práticas educativas. Licenciatura Plena em Biologia e Pedagogia. Especialização nas áreas de :Biologia Celular, Metodologia de Ensino de Ciências-(ênfase - Biologia) e Inspeção Escolar. Áreas de concentração de pesquisas: Formação de professores de Ciências e Biologia, materiais didáticos, metodologia de Ensino de Ciências e Biologia , Educação em Saúde Escolar, Educação em Saúde em Diabetes. Possui 18 anos de experiência na Educação Básica em escolas privadas e escolas públicas municipais e estaduais . Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Saúde e Educação na Amazônia (GEPSEA) da UFPA/ Campus Altamira e do Grupo de Estudos Multidisciplinar dos Processos de Ensino e Aprendizagem (GEMPEA) da UEL. Professor Colaborador do Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Ambientais

(PROFCIAMB/ Polo Belém) e da Especialização em Tecnologias Educacionais do Instituto Federal do Pará (IFPA/Campus Altamira)

E-mail: ronaldobiologiaufpa@gmail.com

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-1885-6256>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2020211060475648>